

## USOS DO DIÁRIO DE LIÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DOS SABERES PARA E A ENSINAR MATEMÁTICA

Iara da Silva França<sup>1</sup>

### RESUMO

A discussão sobre os usos do caderno como material didático para alunos e professores ao longo de mais de um século, introduz à reflexão que propomos sobre a utilização dos diários de lições dos professores primários para o estudo das disciplinas escolares. Nesse sentido, por meio da análise dos diários, foi possível compreender as formas de organização do trabalho em sala de aula e de ensinar e aprender (VIÑAO, 2008). Seguindo as orientações de Julia (2001), nos reenviamos às práticas ao analisamos questões relativas ao ensino de Matemática. Para tanto, além de leis e documentos oficiais, utilizamos Atas, cadernos e diários de professoras, como principal fonte da pesquisa. A análise dos diários revelou elementos importantes da cultura da escola primária, assim como, possibilitou discussões acerca de métodos e conteúdos matemáticos registrados nos diários. O estudo evidencia semelhanças e diferenças na organização dos saberes *para* e *a* ensinar matemática e traz a tona, a necessidade de novos olhares sobre os diários dos professores primários para a compreensão de práticas na cultura da escola primária, de diferentes regiões brasileiras.

**Palavras-chave:** Diários de Lições; História da educação matemática; Saberes para ensinar; Saberes a ensinar.

### INTRODUÇÃO

A busca incessante de recursos mais “modernos” para a atuação de professores em sala de aula vem de longa data. No Paraná há registros de propostas de mudanças e inclusão de novos materiais didáticos em Relatórios de Inspectores de Ensino dos anos de 1920<sup>2</sup> e em Mensagens de governantes desde os oitocentos, como é o caso da Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Paraná pelo governador, Francisco Xavier da Silva

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, e-mail:isfranca@gmail.com

<sup>2</sup> Registramos discussões sobre a necessidade de materiais didáticos nos Relatórios dos Inspectores dos anos de 1907, por Bento José Lamenha Lins; 1914, por Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo; de 1920, 1921, 1922 e 1924, por Cesar Prieto Martinez e outros, todos disponíveis no Repositório da UFSC, em História da Educação Matemática – Constituição dos Saberes Elementares – PR.

(1894), no qual afirma que não há falta de escolas em todo o estado, mas falta provê-las de mobília e material didático necessário (PARANÁ, 1894, p. 08).

Na procura por novos recursos que dessem suporte aos estudantes e professores, facilitando as atividades em sala de aula e oportunizando a aprendizagem por meio de diferentes métodos de ensino, o caderno entrou na vida dos estudantes e professores há mais de um século e apesar dos diferentes usos e formas que vem tendo no decorrer de tantas décadas, continua muito presente em salas de aula brasileiras de todos os níveis de ensino, incluindo os cursos de formação de professores.

Instrumentos didáticos presentes nos diversos níveis de ensino, há registros da utilização de cadernos por estudantes brasileiros, desde o século XIX. À medida que são utilizados nas atividades escolares, os cadernos vão se tornando registros de significativas frações do cotidiano escolar e das relações que se ali se estabelecem, fazendo parte da cultura escolar, conceituada por Julia (2001) como um “conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos” (Julia, 2001, p.15). Na análise de cadernos é possível compreender determinadas formas “de organizar o trabalho em sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos e dos ritmos, regras e pautas escolares” (VIÑAO, 2008, p.22), pois os registros ali contidos podem revelar aspectos do cotidiano escolar e de práticas presentes em diferentes tempos e espaços.

Sendo um recurso de fácil utilização e bastante adaptável, o caderno em sua estrutura física foi se tornando praticamente indispensável, especialmente para o estudante, mas também para o professor, com as mais diversas finalidades ao longo de todo o século XX, refletindo “a cultura própria do nível, etapa ou ciclo de ensino em que é utilizado” (VIÑAO, 2008, p.22).

Como indicado por Julia (2001), para quem os textos normativos devem nos enviar às práticas, nesta pesquisa consideramos como material de análise cadernos de ex alunos, como o caderno<sup>3</sup> de 1915 de Janina Souza, e diários de lições de professores, como os das

---

<sup>3</sup> Pequeno caderno quadriculado, com inscrições em francês em sua capa, pertencente à uma ex aluna do Colégio das Irmãs Josefinas (futuro Colégio São José) e futura professora primária. O caderno de Janina Souza foi utilizado como uma das fontes da tese de doutorado de Iara da Silva França (2015) em que foram investigadas as mudanças ocorridas na formação matemática dos professores primários do Paraná no período de 1920 a 1936 e pode ser encontrado no Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá e há uma cópia deste no Repositório da UFSC. Esse caderno

Professoras<sup>4</sup> Leoni Montes (1978, 1984) e Ana Lobo (1996). Nossa escolha pelos três últimos se deve ao fato de os diários de lições terem sido escritos para a 1ª série do 1º Grau. Assim, com o objetivo de compreender os usos e des(usos) do caderno, relacionados aos saberes *a ensinar e para ensinar* as matemáticas, nossas reflexões são pautadas em documentos produzidos na escola e para a escola, em análise conjunta de fontes, entre as quais, cadernos de ex alunos, professores e futuros professores primários/1º Grau.

## **DAS LOUSAS PARA CALCULAR AOS CADERNOS DE EXERCÍCIOS**

Na avaliação de Hèbrard o caderno é “o testemunho precioso do que pode ter sido e ainda é o trabalho escolar de escrita” (Hèbrard, 2001, p.121). Apesar de encontrar registros do uso de cadernos em tempos anteriores, uma vez que este autor encontrou referências ao caderno escolar denominado como “livro branco<sup>5</sup>”, o autor afirma que é na metade do século XIX que os cadernos começam a preencher uma enorme fração do tempo e das atividades escolares.

Testemunhando que o caderno já era utilizado nas escolas paranaenses em meados do século XIX, a aluna Janina ao fazer a descrição de sua sala de aula, registra em seu caderno a presença de livros didáticos, mapas de Sistema Métrico, tinteiros, cadernos e quadro negro para lições de Geometria e Aritmética, o que poderia indicar a utilização do quadro negro para utilização do professor, em atividades para serem copiadas nos cadernos, assim como, poderia sugerir atividades com exercícios no quadro.

Como destacado por Lesage (apud BASTOS, 2005):

O ensino mútuo/monitoria inaugura uma arquitetura do espaço escolar, em que mobiliário e material passam a ser dispositivos fundamentais para o sucesso do método. Os quadros-negros são sistematicamente utilizados, especialmente, para o desenho linear e para a aritmética – medem 1m de comprimento por 0,70 de largura; na parte superior, têm um metro móvel e são colocados no interior de cada semicírculo, sendo de uso constante dos monitores dos alunos. Os alunos também têm uma pequena lousa, o que permite a iniciação às letras, aos números, às figuras geométricas, e também à aprendizagem simultânea da leitura e da escrita (LESAGE apud BASTOS, 2005, p. 136)

<sup>4</sup> Professoras do antigo primário e então 1º Grau, atuantes na rede pública do Paraná nas décadas de 1970, 1980 e 1990 e com formação inicial no Curso Normal?Magistério.

<sup>5</sup> Registro recuperado por Hèbrard (2001) acerca da denominação dada ao caderno na Ratio Studiorum.

Em tempos de ensino mútuo, o quadro negro era bastante utilizado pelos professores para o ensino de aritmética e desenho, assim como, a ardósia<sup>6</sup>, único material individual do aluno, era usada para escrever, desenhar e na resolução de problemas e cálculos aritméticos. No caderno de Janina não há menção à ardósia, indicação de que talvez na escola em que estudava, possivelmente pela origem confessional e influência francesa, os materiais didáticos poderiam ser mais modernos e com traços de um ensino intuitivo.

A historiadora Rosa Fátima de Souza (1998) afirma que a partir de 1890, com o advento dos Grupos Escolares em São Paulo, que traziam modificações na sociedade por meio de novas “[...] normas e valores relacionados à conduta, ordem, limpeza, asseio, higiene” (SOUZA, 1998, p.58), trouxe também mudanças nos materiais escolares, que gradativamente foram sendo individualizados.

Nesse contexto, a ardósia parecia ter como destino sua rápida extinção nos anos subsequentes, dando lugar ao seu moderno sucessor, o caderno. Porém, há registros de isso não aconteceu tão rapidamente. Em seu Relatório ao Presidente do Estado, o Inspetor do Ensino Cesar Prieto Martinez, especifica os materiais didáticos e a quantidade destes, que foram enviadas às escolas públicas do Paraná. Nesse relatório, além do mobiliário, mapas, livros didáticos e cadernos, há o registro de compra e envio às escolas de 10.432 lápis para papel, 5.193 lápis para lousas, além de 192 caixas de “pennas” para escrever, indicação do uso simultâneo de cadernos e lousas, que foram compradas em número de 1331 (PARANÁ, 1922, p. 13).

Com o aumento do número de escolas e escassez de professores, naqueles anos de 1920, eram frequentes as observações dos subinspetores em seus relatórios quanto aos métodos e usos dos materiais didáticos nas escolas dos lugares mais distantes dos grandes centros. O subinspetor Levy Saldanha fez a seguinte observação em relatório enviado ao Inspetor Cesar Martinez:

Os trabalhos escriptos, mesmo para os da segunda série, eram feitos pelo senhor professor, a lápis, e constavam de uma sentença que a classe limitava-se a cobrir a tinta. Recommendei-lhe os cadernos de Vianna, cadernos para cópias e lousas para as operações de Arithmetica e mesmo para os exercícios escriptos dos mais atrasados (PARANÁ, 1924, p. 136).

<sup>6</sup> Pequenas tábuas / lousas feitas de ardósia (pedra cinzenta e argilosa), utilizadas para escrever com ponteiros do mesmo material. Bastos explica que “É um quadrado de madeira que protege a fina placa de xisto retangular (de 20 a 30 cm de comprimento por 15 de largura), muitas vezes quadriculado” (BASTOS, 2005, p. 136).

É possível abstrair da observação do subinspetor não somente as dificuldades metodológicas do professor, mas também o uso dos cadernos para cópias, a necessidade de livros<sup>7</sup>, e a utilização das lousas (ardósias) para as atividades de aritmética. Observamos que os alunos paranaenses continuaram usando a ardósia nas salas de aula do Paraná, pelo menos até meados da década de 1920. Seu emprego era frequente nas atividades com os desenhos, as operações matemáticas, a decomposição de frases, a escrita dos resultados do cálculo mental (BASTOS, 2005). Observamos a transformação da ardósia de principal dispositivo para a escrita do aluno em material didático coadjuvante, um auxiliar para calcular e escrever antes de “passar a limpo” no caderno.

Nessa conjuntura, juntamente com o quadro-negro, o caderno torna-se símbolo de ambiente escolar e desde então passa a ser naturalizado como elemento próprio da escola. Passando por diversas modificações, desde sua forma física até suas finalidades e, em cada nível de ensino o caderno assume funções diferentes, do aluno ao professor.

Para autores como Braga (2008), Faria (1988), Andrés e Zamora (2008) e Viñao (2008), para além das questões pedagógicas, pode ser destacada no uso dos cadernos uma outra finalidade: a de controle. Por refletirem a dinâmica da sala de aula, os cadernos são usados pelos pais para verificar as atividades desenvolvidas pela criança e, nesse contexto, os exercícios de matemática sempre tiveram um destaque especial nessa verificação, que olham mais detidamente para estes e para as atividades da Língua Materna. Destacamos aqui pequeno trecho do Relatório de Prieto Martinez (1922) sobre a função de controle do caderno:

Em muitos grupos do Estado, felizmente, já se vae seguindo a verdadeira orientação: collecionam-se os cadernos de calligraphia, os de dictado, as composições, as sabatinas e até os cálculos e problemas. Encerradas as aulas, cada alumno recebe o que é seu, podendo neste caso, os Paes fazer um juízo do aproveitamento alcançado no decorrer do anno lectivo ( Relatório, 1922, p. 27-28).

Se o caderno pode ser agente de controle dos pais e professores sobre os alunos, serve também como um dispositivo de controle de diretores e supervisores sobre o

<sup>7</sup> Cadernos de Vianna faz referência às coleções de Livros de Vianna utilizados nas escolas paranaenses e distribuídos pela Inspeção do Ensino.

professor. E, para além dos cadernos dos alunos, foram criados o caderno de estudo ou diários de lições<sup>8</sup> do professor, sobre os quais faremos algumas considerações.

## **DIÁRIO DE LIÇÕES: O CADERNO DO PROFESSOR**

Nos idos anos de 1920 as reuniões que atualmente chamamos de pedagógicas, nas Escolas Normais paranaenses eram chamadas de Reunião da Congregação e no lugar da equipe pedagógica, o diretor e o secretário geral assumiam a função de supervisão e verificação das atividades docentes, tanto das pedagógicas quanto daquelas mais burocráticas, como a entrega de notas e preenchimento dos diários de classe<sup>9</sup>, além da vistoria nos diários de lições dos professores primários.

Importante destacar as diferenças entre ambos. Diários de Classe era o documento de registro das atividades desenvolvidas pelo professor em sala de aula ao qual, por estarem registradas sequencial e cronologicamente. Nesse caso, os registros são daquilo que já ocorreu. Quanto ao diário de lições, se trata de um caderno do professor primário com o planejamento e organização de suas aulas, registrados sequencialmente todas as atividades que seriam feitas em sua classe, tendo em alguns casos, também o encaminhamento metodológico para as aulas.

Em Ata da Escola Normal de Paranaguá do ano de 1929, o diretor, professor Segismundo Antunes Neto orienta os professores de uma maneira geral quanto aos Diários de Classe e, especificamente as professoras da Escola de Aplicação, quanto aos Diários de Lições.

Sobre os Diários de Classe, o diretor da Escola Normal explica que “É uma das partes de máxima importância pedagógica e administrativa deste estabelecimento a perfeita fiscalização e correção dos diários de classe porque estes se prendem a perfeita consecução dos programas e horários [...]” (ATA Escola Normal, 16/02/1929).

---

<sup>8</sup> Não encontramos registros para este estudo, de onde ou porque foram criados os diários de lições no Brasil, mas levantamos duas hipóteses que poderão gerar novas pesquisas: a primeira, que julgamos com maiores possibilidades, se refere à obrigatoriedade das normalistas de organizar seu planejamento nas aulas de Prática e levarem esse hábito para sua vida profissional. A segunda possibilidade, seria a obrigatoriedade que os professores tinham de encaminhar relatórios para as Inspeções de Ensino, acerca de suas atividades diárias, que geraria uma forma de organização de tais relatórios, em diários de lições.

<sup>9</sup> Na atualidade, no Paraná esse documento tem um formato específico e é denominado Registro de Frequência de Classe, sendo entregue aos professores no início do ano letivo e recolhido no final do mesmo ano. Os registros pelos professores são todos feitos na escola e, sendo documento oficial, deve ali permanecer guardado.

Em relação aos Diários de Lições, a orientação é de que “Estes devem ser a execução fiel dos programmas e horários respectivos em cada classe. Devem obedecer à uma exposição *analytica e methodica* de tudo que a professora irá executar em sua classe e será feito previamente” (Idem), complementando, o diretor determina que devido à importância da confecção do diário de lições, cada professora “poderá leval-o para casa, deixando-o na portaria, na ocasião da assignatura do ponto, para effeito da respectiva revisão que será dentro de uma hora” (Ibidem). A necessária organização e fiel consecução dos programas previstos para cada turma é prevista pela escola em caso de falta da professora, de acordo com a determinação do diretor de que “Em caso de falta, a professora enviará o respectivo “Diário” feito, para que a substituta possa executal-o, sem prejuízo da classe” (ATA Escola Normal, 16/02/1929).

É possível perceber a atenção e seriedade no tratamento do planejamento didático feito no Diário de Lições em diversos tempos e espaços do ambiente escolar nas escolas do Paraná. Observa-se que esse rigor se manteve ao longo do tempo. Na Ata do relatório final, assinada pela professora Wanda Zubiwski, do Grupo Escolar Faria Sobrinho, em Paranaguá, no ano de 1954, o mesmo rigor é solicitado para a confecção do diário de Lições das professoras daquele estabelecimento:

Diário de Lições: São anotados os planos de aula determinando: o objetivo da aula, a unidade de ensino e o exercício, bem como, o material didático empregado. O visto da orientadora escolar é feito diariamente nos diários. O visto da diretora é feito no relatório diário dos trabalhos em classe, apresentado pela orientadora (ZUBIUSKI, março de 1954).

O Diário de Lições de um professor, da mesma forma que o caderno de um aluno, pode ser excelente fonte de pesquisa, pois como afirma Viñao (2008) sobre os cadernos dos alunos, estes materiais/documentos são aptos para oferecer informações sobre a realidade escolar e as atividades efetuadas na escola. Contudo, embora ambos tenham suas atividades sequencial e cronologicamente expostas, o caderno do aluno apresenta as lições ou atividades que efetivamente ocorreram em sala de aula, enquanto o diário de Lições é um planejamento e não um fato consumado, que embora tendo sido fiscalizado e “vistado” por um superior<sup>10</sup>, pode ou não ter sido efetivado da forma proposta,

<sup>10</sup> A fiscalização e vistoria dos diários de lições são ações frequentemente enfatizadas, como observamos nas palavras do professor Segismundo Neto (1929) e da professora Wanda Zibuski(1954). Além disso, os registros de vistoria das coordenadoras das professoras Leoni Montes (1978, 1984) e Ana Lobo (1996),

Tal e qual os cadernos dos alunos, o Diário de Lições de um professor não é neutro, pois como é ressaltado por Ângulo (2008), pode servir como propagador de ideologias. Embora deva seguir os programas ou mais recentemente os conteúdos, o diário de lições é organizado pelo professor, que poderá fazer opções quanto aos aspectos didáticos e metodológicos, intervalo de tempo, sequências e até mesmo quanto aos conteúdos a serem trabalhados. De certa forma, o professor imprime valores e referências pessoais em seu diário de classe.

Da mesma forma que os cadernos escolares dos alunos, o uso dos diários de lições como parte da cultura da escola primária foi se cristalizando ao ponto de serem utilizados até os dias atuais, em escolas de todas as redes públicas e privadas de ensino pelo Paraná afora, como foi possível constatar, em conversa informal com a professora Luzia Lima, atual diretora da Escola Municipal “Luiz Vaz de Camões”, de Paranaguá, sobre o uso dos diários nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em 2017.

Partindo destas reflexões, damos continuidade ao nosso estudo analisando os cadernos de estudo ou diários de lições da 1ª série das professoras Leoni Montes (1978,1984) e Ana Rosa Pavoni Lobo (1996) na busca sobre a organização dos saberes *para e a ensinar matemática*.

## **NOS DIÁRIOS, A ORGANIZAÇÃO DOS SABERES A E PARA ENSINAR**

Quanto ao formato, os três diários de lições analisados apresentam-se forma espiral e universitário, sendo dois encapados com papel e um deles com a capa do próprio caderno mostrando a figura de uma menina estudando. Todos possuem na primeira página os dizeres “Meu Diário”, seguido da série e turma para o qual se destina, assim como, o ano e o bimestre, este último aparece também dentro do caderno, em folhas que separam um bimestre do próximo, sempre com uma figura ilustrativa. Característica comum a todos os diários é o carimbo e assinatura da Coordenadora em todas as lições previstas pelas professoras de cada escola. Quanto ao ensino de Matemática, todos os diários analisados apresentam muitas figuras ilustrativas, especialmente de frutas para estabelecer as relações de quantidade, igualdade, desigualdade e formar conjuntos.

---

aparecem frequentemente em quase todas as lições planejadas por estas em seus diários, assim como, observações das coordenadoras acerca das atividades propostas.

Por questão de organização, optamos por apresentar a análise dos cadernos em ordem cronológica, como segue.

O diário de 1978 foi escrito para a turma da 1ª série A, da professora Leoni Montes, na Unidade Escolar Municipal do 1º Grau “Bento Munhoz da Rocha neto”. Nesse ano as aulas iniciaram em 23/02 e a primeira aula foi destinada ao conhecimento dos alunos pela professora e da escola, professores e equipe pelos alunos.

Inicialmente não há Projeto ou planejamento e as aulas iniciam com atividades para desenvolvimento da coordenação motora e de atividades para aprender as vogais. Já no dia 16/03 há a primeira aula de Matemática, com a apresentação do numeral 1, 2 e 3. Dia 29/03 a segunda aula de Matemática com numerais até o 7. Na sequência de aulas registradas, temos uma aula de Matemática a cada duas ou quatro aulas da chamada Língua Nacional.

A aula sobre a Adição está registrada no dia 22/05/78 e a professora vai explanando o passo a passo de como será a explicação aos alunos. O primeiro problema matemático refere-se à adição tendo sido registrado nesse diário no dia 27/06.

O primeiro Teste de Matemática colado no diário da professora Leoni para ser aplicado no dia 29/06/1978 foi elaborado pela Divisão de Educação do Departamento de Educação e Cultura pertencente à Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo de Paranaguá. Era um Teste de Matemática Unificado<sup>11</sup>. De acordo com nossa análise do diário, os conteúdos ali presentes haviam sido trabalhados pela professora em sala de aula e eram: Quantidades e símbolos ( $=$  e  $\neq$ ); Composição de números; Conjuntos (vazio); Sequências numéricas; Operações (adição e subtração).

Embora sobre a atribuição da avaliação da aprendizagem nesse tempo, a Lei 5692/71 estabelecesse em seu artigo 14 que “A verificação do rendimento escolar ficará, na forma regimental, a cargo dos estabelecimentos, compreendendo a avaliação do aproveitamento e a apuração da assiduidade” (LDB 5692/71, Art. 14), os testes unificados pelas Secretarias de Educação permaneciam em muitas regiões do Paraná, especialmente nas Secretarias Municipais, por sua aproximação com as escolas. Talvez a explicação para o andar de “mãos dadas” das aulas de Língua Nacional e de Matemática no diário de 1978,

---

<sup>11</sup> Os testes unificados ou padronizados tiveram início no século XX e ainda eram bastantes presentes em escolas do Paraná. Um dos principais objetivos desses testes era o controle das Secretarias de Educação sobre as atividades dos professores. Ou seja, para que seus alunos pudessem se sair bem nesses testes era necessário que tivessem tido cumprido o programa, ou lhes faltariam os conteúdos necessários para ter um bom desempenho.

seja a necessidade de preparar os alunos para o Teste Unificado preparado por professores da Secretaria de Educação.

Os problemas matemáticos nesse diário só voltaram a serem registrados no dia no dia 01/09 e 06/09/78 e se relacionavam com Medidas Monetárias. As últimas atividades de Matemática são desse dia 06/09/78, sendo que os registros desse diário terminam no dia 11/09/78.

Quando escreveu o diário de 1984 a professora Leoni trabalhava na Escola Municipal “Leôncio Correia”, em Paranaguá e o mesmo inicia com um projeto começado e não terminado. Sobre Matemática temos o conteúdo, Sistemas de Numeração – numerais de 0 a 9. O objetivo: Identificar, ler e escrever os numerais de 0 a 9. O campo ‘Estratégias’ estava em branco.

De acordo com esse diário, as aulas iniciaram em 8 de março de 1984 e o primeiro assunto foi uma “conversação com os alunos”. As aulas seguintes são todas de coordenação motora, havendo algumas atividades mimeografadas, seguidas de cópias das vogais, iniciando pelo “a”. Já na década de 1950 o documento “Curso primário – Programas Experimentais” dá orientações quanto aos primeiros contatos do aluno com os números, indicando que nas primeiras semanas de aulas o professor deva “aproveitar todas as oportunidades para contar em voz alta”, cantar pequenas “rondas infantis que envolvam números”, “jogos” e “materiais concretos como palitos” (PARANÁ, 1950, p.74-75), também contagem com ritmos, atividades de dobradura e colagens. No Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná (1990) as orientações permanecem idênticas, pois são prescritas muitas atividades práticas de classificação e seriação, como também de contagem fazendo uso de situações do cotidiano e de materiais concretos. Tais determinações das Secretarias de Educação poderiam justificar nos diários de lições analisados, o planejamento tão posterior de atividades de Matemática para os alunos. Possivelmente, só foram planejadas nos diários as atividades que envolviam cópias e resolução de exercícios nos cadernos dos alunos.

A primeira atividade de Matemática somente foi registrada no diário em 1º de junho de 1984 e, segundo a professora, trata-se de uma revisão para recuperar os alunos em Matemática. As atividades são todas de cópia dos numerais. Em seguida, dia 04/06/84, a revisão é de uma explicação sobre Conjuntos. Há outras atividades com cópias na sequência, porém, nenhuma abordando os problemas, por isso fiquei surpresa ao virar uma página e encontrar um “Teste de Matemática” mimeografado e colado no diário. As

questões foram elaboradas provavelmente pela professora e eram: Dois problemas matemáticos, um deles envolvendo adição e o outro, subtração; duas atividades de registro de quantidades; uma atividade com conjunto unitário e sequências numéricas.

No meio do caderno, deparamo-nos com o Projeto do 4º bimestre, semana a semana. Os conteúdos eram sempre os mesmos, acrescidos a partir da segunda semana de um conteúdo novo, trabalhado no final. A seguir os conteúdos da primeira semana e que se fizeram constantes ao longo do bimestre:

Semana de 01 a 05/10

Matemática

1. Sistema de numeração decimal de 201 a 230

1.1 Leitura e escrita

1.2 Composição e decomposição: unidade, dezena, centena

2. Operações fundamentais

2.1 Adição com reserva e subtração com recurso

Situações problemas (Projeto da E. M. Leôncio Correa, 1984).

Dessa forma, os conteúdos acima expostos deveriam ser trabalhados na primeira semana do último bimestre. Na segunda semana, os mesmos conteúdos acrescidos as Noções de dobro e metade; na terceira semana, foi acrescentado o Sistema de numeração decimal; e assim na sequência, foi acrescentado o Uso do calendário; Medida de comprimento – metro; Medidas de capacidade; Medida de massa e Sólidos geométricos e finalmente, na última semana, foi feita uma revisão da matéria dada.

Na sequência do diário há três páginas escritas a mão com os objetivos e estratégias utilizadas para ensinar Matemática na 1ª série, com conteúdos anuais. Em seguida, do dia 01/10 ao dia 13/11/84, todos os dias houve aula de Matemática, como se a professora estivesse dando um “super” reforço. Todos os conteúdos do Projeto foram contemplados, porém, os problemas só aparecem no dia 05/11, em número de dois e relativos à adição. Quanto aos exercícios relacionados à medida de massa e sólidos geométricos, estes foram deixados por último e há apenas um de cada conteúdo, No diário da professora Leoni, é registrada uma aula de reforço no dia 03/12/84, indicando a necessidade de recuperação para alguns alunos, determinada pela LDB 5692/71.

Diferente do caderno de 1984, no de 1996 não há um planejamento ou apresentação dos conteúdos e/ou encaminhamento metodológico a ser seguido. De acordo com esse caderno, as aulas da Escola Municipal “Ezequiel Pinto da Silva”, em Praia de Leste - PR, iniciam em 11 de março e todas as atividades são relacionadas à alfabetização, sendo a

primeira atividade de Matemática somente em 12 de abril, utilizando os símbolos igual ( $=$ ) ou diferente ( $\neq$ ) para relacionar com os símbolos numéricos, estas primeiras atividades envolvem o conteúdo Números. Daí em diante, há sempre uma atividade de Língua Portuguesa, seguida de História ou Ciências e na sequência Matemática.

A primeira operação desse caderno é a subtração, cujas explicações foram dadas a partir de dois problemas enunciados. As atividades que se seguem nas próximas aulas de Matemática são todas algorítmicas, com operações de adição e subtração. Os próximos problemas desse diário só apareceriam no dia 10/06/96, desta vez, de adição e subtração. Os problemas são sempre em número reduzido e na sequência são registrados nesse diário no dia 02/09/96, 19/09/96, 31/10/96. Os problemas são todos relacionados às quatro operações fundamentais e os mais complexos se referem à multiplicação.

As últimas atividades do caderno estão registradas para o dia 28/11/96 e se referem à colagens sobre o Natal, tendo sido as últimas atividades de Matemática no dia 11/11/96, relacionadas à Geometria, especificamente, a representação das figuras geométricas.

As datas cívicas e especiais são comemoradas e a alfabetização vai transcorrendo, alternando Língua Portuguesa e Matemática. Uma atividade envolvendo números e letras chamou a atenção da supervisora, que parabenizou a professora. Essa troca de recados e estímulos era bem comum nos diários de lições dos professores primários, da mesma forma que as professoras colocam recadinhos nos cadernos, para motivar seus alunos.

A sequência de atividades do diário de lições da professora Ana Lobo é no sentido de alternar as “matérias”, porém, dando maior ênfase com um número de atividades de alfabetização da língua materna. O Currículo Básico Para a Escola Pública do Estado do Paraná foi publicado no ano de 1990 e tinha por objetivo reestruturar o currículo do 1º Grau na Rede Estadual de Ensino e teve como ponto de partida a implantação do Ciclo Básico de Alfabetização, que eliminava a reprovação na 1ª série e propunha um novo encaminhamento teórico-metodológico para a aquisição da linguagem escrita, reestruturando também os conteúdos curriculares de todas as áreas do conhecimento. Os conteúdos que estruturavam o ensino da Matemática na 1ª série eram: Classificação, Seriação e Números; Medidas e Geometria.

Embora a escola onde a professora Ana lecionasse fosse municipal, os conteúdos curriculares eram os mesmos e deveriam ser trabalhados todos os eixos, concomitantemente, o que parece não ter ocorrido com a turma da professora Ana, conforme os registros do seu diário.

## **CONSIDERAÇÕES**

Este estudo buscou identificar as formas de uso dos diários de lições, evidenciando a sua relevância para a pesquisa em história da educação e possibilitando-nos destacar algumas questões indicativas quanto aos conteúdos e métodos referentes aos saberes *para e a* ensinar Matemática.

Aliado às demais fontes de pesquisa, a análise do caderno da ex aluna Janina Souza (1915) e dos diários de lições das professoras Ana Lobo(1996) e Leoni Montes (1978,1984), possibilitou-nos interpretar algumas frações de elementos presentes na cultura da escola primária em três décadas distintas: anos de 1970, 1980, e 1990. A análise dos diários nos forneceu “testemunhos insubstituíveis a respeito dos exercícios escolares” e “das práticas pedagógicas” (CHARTIER, 2007, p. 13), possibilitando a compreensão de processos pedagógicos e históricos de um contexto escolar. Entretanto, nos reportamos a Viñao (2008) para esclarecer que não podemos julgar possível reconstruir o currículo real a partir dos diários, uma vez que o registro escrito não demonstra outras situações reais vividas no ambiente escolar.

Seguindo o propósito de observar elementos relacionados aos saberes matemáticos presentes nos diários de lições de professoras da escola primária/1º Grau, o estudo aponta para um ensino da Matemática com poucas alterações em três décadas, todas decorrentes de documentos oficiais e novas leis que surgiram, como o Currículo Básico para as Escolas Públicas do Estado do Paraná que antecedeu em diversas determinações a LDB 9394/96 que veio substituir a LDB 5692/71.

Os diários analisados em três décadas distintas apresentam semelhanças e diferenças, nos conteúdos propostos e nos aspectos metodológicos e dois deles, da mesma professora, denotam um ensino mais “simplificado” dos conceitos matemáticos ensinados.

O documento intitulado “O ensino Normal no Paraná e os recursos humanos para o desenvolvimento” (1971), traz informações técnicas e estatísticas coletadas pela FUNDEPAR sobre o ensino normal no Paraná do início da década de 1970. Na pesquisa apresentada por esse documento, entre os motivos expostos pelos professores das escolas normais pesquisados a respeito das “causas de deficiência nas áreas”, para a Cultura Geral

do normalista, 43% dos professores respondeu: “Baixo nível dos alunos”, 30,5% dos professores respondeu que seria o “Currículo elementar, limitado, de pouca profundidade” Sobre a Formação Profissional 19,3% afirmaram que o motivo é “Prática insuficiente e falta de Escola de Aplicação”, 7,9% responderam “Currículo elementar, limitado, de pouca profundidade”.

Embora rápida e superficial, a análise do documento permite afirmar, por meio das respostas tabuladas dos 100% de diretores das Escolas Normais pesquisados, que a cultura geral do normalista possuía “Currículos muito teóricos e insatisfatórios” e “conteúdos fracos e insuficientes”, apontados por esses diretores como as maiores causas de deficiência nas áreas da Cultura Geral, onde se encaixa a Matemática. Ora, a cultura geral do normalista não era o principal atributo desejado para um professor primário, visto que o mesmo documento aponta na resposta dos alunos e professores como sendo a “Vocação”, seguida de “Bom procedimento dentro e fora da escola” e, bem de perto por “Carinho e tolerância no trato com as crianças”, as qualidades necessárias ao professor primário. Assim, para ser um bom professor primário, as qualidades pessoais e morais importavam mais do que os saberes a ensinar das matérias que seriam lecionadas por esses professores.

Ao professor primário não eram exigidos tantos conhecimentos acerca dos saberes *a* ensinar. A formação profissional, com práticas em escolas parecia preocupar mais os normalistas e seus professores, o que parece valorizar os saberes *para* ensinar. A análise dos diários das professoras paranaenses, no entanto, evidenciou o registro de atividades de Matemática predominantemente algorítmicas e poucos registros de saberes *para* ensinar, diferente dos diários superficialmente analisados e sem a pretensão de uma análise comparativa das professoras Cidalina Thomé Abdala (1981) e Edlamar Santos (1994), ambas de Roraima, onde são explícitos os saberes *para* ensinar, nos planos de aula registrados em seus diários. Sugerimos então, a possibilidade de pesquisas comparativas entre os estados brasileiros, com novos olhares sobre as questões levantadas nos diários de lições analisados acerca da formação matemática dos professores primários.

## **REFERÊNCIAS**

ABDALA, Cidalina Thomé. (1981) Caderno de professor. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172933>

ANDRÉS, Maria Del Mar Del Pozo; ZAMORA, Sara Ramos. Representações da escola e da cultura escolar nos cadernos infantis (Espanha, 1922-1942). In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

ÂNGULO, Kira Mahamud. O conteúdo emocional de três cadernos escolares do franquismo. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

ATA. Escola Normal de Paranaguá. 16/02/1929.

ATA. Grupo Escolar Faria Sobrinho. 03/1954.

BASTOS, Maria Helena Camara. (2005). Do quadro-negro à lousa digital: a história de um dispositivo escolar. *Cadernos de História da Educação* - nº. 4 - jan./dez, p. 133-141.

BRAGA, Rosa Maria Souza. A boa letra tem grande importância: Ormindia Marques e as prescrições sobre a escrita. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio . Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

CHARTIER, Ann Marie. (2007). Os cadernos escolares: organizar os saberes, escrevendo-os. *Revista de Educação Pública*. Cuiabá. V.16, n.32, p.13-33.

COLETÂNEA DA LEGISLAÇÃO ESTADUAL DE ENSINO. (1969-1975). Lei de Diretrizes e Bases 5692/71. Curitiba: Governo do Estado do Paraná – SEEC.

FARIA, Vitória Líbia Barreto. No caderno da criança o retrato da escola. Belo Horizonte: PG em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1988. 258p. (Dissertação de Mestrado).

FRANÇA, Iara da Silva. (2015). *Do ginásio para as escolas normais: as mudanças na formação matemática de professores do Paraná (1920-1936)*. Orientadora: Neuza Bertoni Pinto. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França — séculos XIX e XX). Trad. Laura Hansen. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: Autores Associados, n.1, p.115-41, jan./jun. 2001

JULIA, Dominique. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, SP. SBHE/Editora Autores Associados. Jan/jun. no. 1.

PARANÁ. Mensagem do Governador Francisco Xavier da Silva para o Congresso Legislativo, 1894. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135218>

\_\_\_\_\_. (1922). Relatório do Inspetor Geral da instrução pública, Cesar Prieto Martinez, PR. Disponível em <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/99956>

\_\_\_\_\_. (1924). Relatório do Inspetor Geral da instrução pública, Cesar Prieto Martinez, PR. Disponível no Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá-PR.

\_\_\_\_\_. (1990). Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná. Acervo Pessoal de Iara da Silva França.

\_\_\_\_\_. (1950) Curso Primário. Programas Experimentais. Biblioteca Pública do Paraná. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/117113>

\_\_\_\_\_. (1971). O ensino Normal no Paraná e os recursos humanos para o desenvolvimento. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169160>

\_\_\_\_\_. (1891). Regulamento para a Instrução Pública do Paraná. Esse documento pode ser encontrado no Arquivo Público do Paraná. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/173155>

SANTOS, Edlamar. (1994). Caderno de professor. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172929>

SOUZA, Janina. (1915). Caderno Especial de Trabalhos Mensais. Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Paranaguá, PR. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/166352>

SOUZA, Rosa Fatima. Espaço da educação e da civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil. In: SOUZA, Rosa F.; VALDERMARIN, Vera T.; ALMEIDA, Jane S. O legado educacional do século XIX. Araraquara: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

VIÑAO, Antonio. (2008). *Os Cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos*. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: edUERJ.